

CÔA VISO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 2 • ANO DE 2000



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) ¹

LEONOR RAQUEL DA FONSECA SOUSA PEREIRA

I – LOCALIZAÇÃO

Geograficamente, a estação arqueológica de Castelo Velho enquadra-se no Norte de Portugal, na província de Trás-os-Montes e Alto Douro (Fig. 1).

O substrato geológico onde se insere a estação é composto por filitos listrados com intercalações de metagrauvaques, metaquartzovaques e calcos-silicatadas, pertencentes à Formação da Desejosa.

Do ponto de vista administrativo, a estação arqueológica de Castelo Velho situa-se na fre-

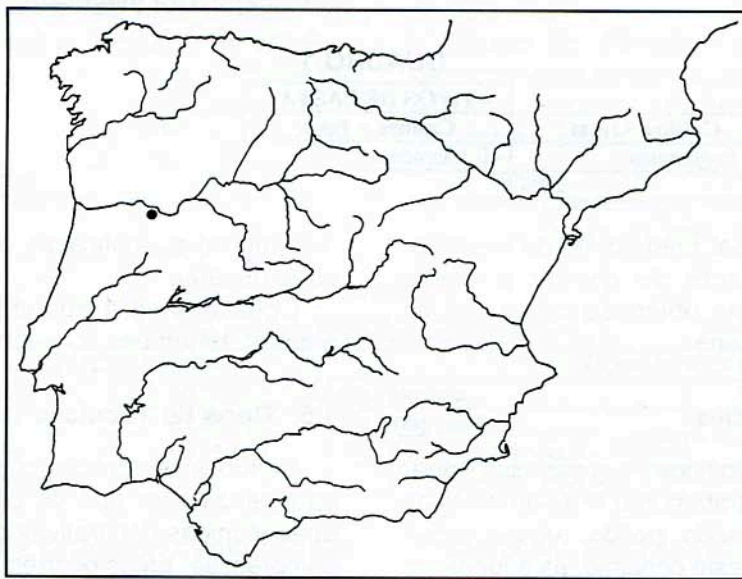


Figura 1 – Localização da estação arqueológica de Castelo Velho na Península Ibérica.

A estação ocupa um esporão de 680m de altitude aproximada, “delimitado a sul, a leste e a nordeste por ribeiras tributárias da ribeira do Vale da Vila, afluente da margem esquerda do rio Douro” (Jorge, 1998, 280). Tal implantação, rodeada por vales profundos confere-lhe “uma posição dominante, quer para leste, na direcção do citado afluente do Douro, ou ainda do rio Côa, quer para sul e sudeste, neste último caso face à área planáltica de Freixo de Numão” (*Ibidem*). Desta forma, o referido esporão insere-se numa ampla zona deprimida, correspondente à Meseta Norte. Esta, caracteriza-se por uma planície de altitude elevada que atravessando a fronteira (em direcção a Ocidente) estende-se pela Beira Transmontana e Trás-os-Montes (Ribeiro *et alii*, 1998, 148).

guesia de Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda.

Tem como coordenadas geodésicas: 41° 11' 33" de Latitude Norte e 7.° 11' 24" de Longitude, segundo o Meridiano Internacional, conforme a Carta Militar de Portugal, folha 140.

II – ANÁLISE CERÂMICA

A análise cerâmica teve como objectivo a caracterização técnica e morfológica de 125 fragmentos decorados provenientes, maioritariamente, da camada 2 e das camadas 1/ 2 e 2/ 3, apenas alguns fragmentos. Todos eles correspondem à área escavada durante as campanhas de 1989 a 1999.

1. Caracterização Técnica

A caracterização técnica dos fragmentos cerâmicos (dos quais 48 fragmentos correspondem a bordos e 77 a fragmentos de panças) debruçou-se

¹ Resumo da Dissertação de Mestrado intitulada “Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Fevereiro de 2000, sob a orientação da Professora Doutora Susana Oliveira Jorge a quem agradecemos.

sobre a análise da pasta, dos tipos de superfícies, dos tipos de cor, de espessuras e de decoração (abrangendo as técnicas e temáticas decorativas).

1.1. Tipos de Pasta

Foram considerados três tipos de pasta em função dos elementos não plásticos, visíveis a olho nú, sendo na sua maioria o quartzo, o feldespato e a mica. Desta forma, distinguiram-se três tipos de calibre: 1. Desengordurante de pequeno calibre – < 1mm; 2. Desengordurante de calibre médio – = 1mm e 3. Desengordurante de grande calibre – > 1mm, o que nos permitiu obter fragmentos de textura compacta, de textura homogênea e fragmentos de textura friável, respectivamente (Quadro 1).

QUADRO 1

TIPOS DE PASTA		
Calibre <1mm	Calibre = 1mm	Calibre > 1mm
35 fragmentos	40 fragmentos	50 fragmentos
28%	32%	40%

Verificou-se o especial predomínio de fragmentos com desengordurante de grande e médio calibre, o que resulta na obtenção de pastas de textura friável e homogênea.

1.2. Tipos de Superfícies

Reconheceram-se oito tipos de superfícies² através da conjugação do tratamento incutido às duas faces do fragmento (alisado, polido, rugoso e corroído), predominando, neste conjunto, as superfícies alisadas (1.1) seguidas das alisadaspolidas (1.2).

Será importante referir que o “tipo corroído” não resulta da acção intencional do oleiro, mas sim de fenómenos procedentes do processo de deposição (Quadro 2).

QUADRO 2

TIPOS DE SUPERFÍCIES							
1.1	1.2	1.3	1.4	2.2	3.1	4.1	4.4
72 frags.	29 frags.	01 frag.	09 frags.	03 frags.	02 frags.	07 frags.	02 frags.
57,6%	23,2%	0,8%	7,2%	2,4%	1,6%	5,6%	1,6%

1.3. Espessuras dos Fragmentos

A análise das espessuras dos fragmentos foi estabelecida sob quatro categorias (1. Paredes finas de 3 a 6mm; 2. Espessura média de 7 a 9mm; 3. Paredes grossas de 10 a 12mm e 4. Paredes

muito grossas acima de 12mm) quer para os fragmentos de bordo, quer para os fragmentos de pança. (Quadro 3).

Assim, em relação aos fragmentos de bordo dominam as paredes de espessura média seguidos os de espessura fina. Já no que diz respeito aos fragmentos de pança não se registam fragmentos com paredes de espessura grossa verificando-se o predomínio das espessuras médias seguidas das finas.

1.4. Tipos de Cor³

Apesar da coloração se manter heterogênea em ambas as superfícies dos fragmentos, a associação dos três tipos cromáticos dominantes (1. Cor acastanhada; 2. Cor avermelhada e 3. Cor acinzentada)

resultou na quantificação das seguintes combinações (Quadro 4).

Constatou-se a abundância dos tons acastanhados em ambas as superfícies.

1.5. Tipos de Técnicas Decorativas

Sendo a decoração o principal elemento que caracteriza este tipo de cerâmica destacaram-se duas técnicas decorativas dominantes: a incisão e a impressão. Estas ocorrem quer de forma simples, quer associadas entre si em ambas as faces do fragmento.

Note-se ainda, que em apenas dois fragmentos verificamos a conjugação da técnica da incisão com a aplicação plástica de mamilos junto ao bordo.

Desta forma, determinaram-se combinações, entre as técnicas referidas, consoante a sua manifestação numa e/ ou noutra face do recipiente (a. 0/ 1 Superfície interna lisa e externa incisa; b. 0/ 2 Superfície interna lisa e externa impressa; c. 0/ 1.2 Superfície interna lisa e externa incisa e impressa; d. 1/ 0 Superfície interna incisa e externa

² a. 1.1 Superfícies interna e externa alisadas; b. 1.2 Superfície interna alisada e externa polida; c. 1.3 Superfície interna alisada e externa rugosa; d. 1.4 Superfície interna alisada e externa corroída; e. 2.2 Superfícies interna e externa polidas; f. 3.1 Superfície interna rugosa e externa alisada; g. 4.1 Superfície interna corroída e externa alisada e h. 4.4 Superfícies interna e externa corroídas.

³ A caracterização cromática das superfícies dos fragmentos cerâmicos não obedeceu a nenhum código de cores (Cailleux ou Munsell), pelo que os tipos cromáticos dominantes (cor acastanhada, avermelhada e acinzentada) abrangem desde os tons claros aos escuros.

QUADRO 3

ESPESSURAS					
Bordos (48 Fragmentos)			Panças (77 Fragmentos)		
De 3 a 6mm	De 7 a 9mm	De 10 a 12mm	De 3 a 6mm	De 7 a 9mm	De 10 a 12mm
09 frags.	34 frags.	03 frags.	09 frags.	69 frags.	-
18,8%	78,8%	6,3%	11,6%	89,6%	-

QUADRO 4

TIPOS DE COR							
1.1	1.2	1.3	2.1	2.2	2.3	3.1	3.3
73 frags.	08 frags.	06 frags.	09 frags.	04 frags.	02 frags.	14 frags.	09 frags.
58,4%	6,4%	4,8%	7,2%	3,2%	1,6%	11,2%	7,2%

lisa; e. 1/ 1 Superfícies interna e externa incisadas; f. 1/ 1* Superfície interna incisa e externa incisa com decoração plástica – mamilo; g. 1/ 2 Superfície interna incisa e externa impressa; h. 2/ 0 Superfície interna impressa e externa lisa; i. 2/ 1 Superfície interna impressa e externa incisa; j. 1/ 1.2 Superfície interna incisa e externa incisa e impressa; l. 1.2/ 0 Superfície interna incisa e impressa e externa lisa; m. 1.2/ 1 Superfície interna incisa e impressa e externa incisa e n. 1.2/ 1.2 Superfícies interna e externa incisadas e impressas (Quadro 5).

Grupo Ib: À temática anteriormente descrita, poder-se-á acrescentar uma outra fiada de linhas quebradas oblíquas igualmente obtidas através da técnica da incisão e representadas sobre a superfície externa.

Grupo Ic: Através da técnica da incisão e paralelamente ao bordo, representam-se linhas em espinha seguidas de linhas cruzadas entre si, dispostas na horizontal sobre a superfície interna.

Grupo II: Verifica-se, paralelamente ao bordo e na superfície interna, uma fiada de linhas quebradas oblíquas, incisadas, em forma de “Y”.

QUADRO 5

TIPOS DE TÉCNICAS DECORATIVAS					
SUPERFÍCIE INTERNA			SUPERFÍCIE EXTERNA		
Incisão	52 frags.	41,6%	Incisão	116 frags.	92,8%
Impressão	11 frags.	8,8%	Impressão	08 frags.	6,4%
Incisão + Impressão	08 frags.	6,4%	Incisão + Impressão	09 frags.	7,2%
Incisão + Dec. Plástica	-	-	Incisão + Dec. Plástica	02 frags.	1,6%

É evidente a nítida preferência pela técnica incisa em ambas as superfícies (Quadro 6).

Grupo III: Paralelamente ao bordo, na superfície externa, representam-se linhas incisadas em espinha.

QUADRO 6

TIPOS DE TÉCNICAS DECORATIVAS: RELAÇÃO SUPERFÍCIE INTERNA / SUPERFÍCIE EXTERNA													
0/1	0/2	0/1.2	1/0	1/1	1/1*	1/2	2/0	2/1	1/1.2	1.2/0	1.2/1	1.2/1.2	
61 frags.	02 frags.	07 frags.	01 frag.	38 frags.	02 frags.	02 frags.	01 frag.	02 frags.	01 frag.	01 frag.	06 frags.	01 frag.	
48,8%	1,6%	5,6%	0,8%	30,4%	1,6%	1,6%	0,8%	1,6%	0,8%	0,8%	4,8%	0,8%	

No que toca à combinação das técnicas da incisão e impressão em ambas as superfícies é evidente a maior recorrência da relação 0/1, seguida da 1/1.

1.6. Tipos de Agrupamentos Temáticos

A definição de agrupamentos temáticos deparou com dificuldades devido à pequena dimensão de alguns fragmentos.

A análise da decoração foi elaborada através da associação da organização dos motivos decorativos e das técnicas decorativas operadas sobre o suporte cerâmico. Assim, reuniram-se vários grupos temáticos, os quais passamos a descrever:

Grupo Ia: Caracterizado pela presença de linhas incisadas em espinha, paralelas ao bordo, tanto na superfície interna como na externa.

Na superfície interna, representam-se linhas incisadas sobrepostas formando uma espécie de reticulado, seguida de uma faixa de linhas quebradas oblíquas (incisadas).

Grupo IV: Paralelamente ao bordo, e na superfície externa, dispõem-se linhas incisadas em espinha.

Na superfície interna, o mesmo motivo (espinha) é representado através da técnica da impressão sugerindo um tracejado.

Grupo V: Desenvolve-se, na superfície externa, decoração em relevo descontínuo (mamilos) dispostos junto ao bordo, aos quais se sobrepõem linhas incisadas em espinha.

A superfície interna ostenta os tradicionais motivos incisados em espinha.

Grupo VI: Desenvolvem-se, na pança do recipiente, e na superfície externa, dois eixos perpendiculares de linhas incisadas em espinha (Quadro 7).

AGROPAMENTOS TEMÁTICOS

Sup. Interna	Sup. Externa	Sup. Interna	Sup. Externa	Sup. Interna	Sup. Externa
Sup. Interna	Sup. Externa	Sup. Interna	Sup. Externa	Sup. Interna	Sup. Externa
Sup. Interna	Sup. Externa	Sup. Interna	Sup. Externa		

d. p. – decoração plástica

ORGANIZAÇÕES DECORATIVAS

Superfície Interna	Superfície Externa
Superfície Interna	Superfície Externa
Superfície Interna	Superfície Externa
Superfície Interna	Superfície Externa

QUADRO 7

AGRUPAMENTOS TEMÁTICOS								
Ia	Ib	Ic	II	III	IV	V	VI	“*”
26 frags.	05 frags.	07 frags.	01 frag.	01 frag.	08 frags.	02 frags.	04 frags.	33 frags.
20,8%	4%	5,6%	0,8%	0,8%	6,4%	1,6%	3,2%	26,4%

Verificou-se um especial destaque do agrupamento temático Ia.

Note-se que o “*” corresponde a um grupo *incarácterístico* incapaz de fornecer elementos integráveis em qualquer grupo decorativo.

1.7. Tipos de Organizações Decorativas

Reuniram-se três tipos de organizações decorativas as quais passamos de imediato a descrever:

Tipo A: Na superfície interna, paralelamente ao bordo, desenvolvem-se duas linhas de motivos incisos em espinha, entremeados por uma fiada de pontos impressos. Imediatamente abaixo, representa-se, alternadamente com espaços sem decoração, uma banda de motivos incisos em zigue-zague, delimitados por pontos impressos.

Na superfície externa, paralelamente ao bordo e à linha de quebra do recipiente, dispõe-se uma linha de motivos em espinha, realizados pela técnica da incisão. No espaço compreendido por estes limites (bordo e parte média do vaso) desenvolvem-se bandas de motivos incisos em zigue-zague e linhas quebradas oblíquas formando um zigue-zague horizontal, que alternam com espaços sem decoração.

Tipo B: Na superfície interna e junto ao bordo representam-se linhas incisas em espinha, seguidas de linhas quebradas oblíquas igualmente obtidas através da técnica da incisão. Abaixo destas, desenvolvem-se duas linhas quebradas oblíquas, pontilhadas, formando uma espécie de zigue-zague horizontal, realizado através da técnica da impressão.

Na superfície externa, paralelamente ao bordo e à linha de quebra do vaso, desenvolvem-se motivos em espinha, seguidos de linhas quebradas oblíquas, ambos realizados através da técnica da incisão. Perpendicularmente a estes, e ultrapassando a linha de quebra do recipiente, em direcção ao fundo (?), representam-se motivos em zigue-zague incisos, delimitados por pontos impressos e séries de pontos impressos que, respectivamente, alternam com espaços sem decoração.

Tipo C: Na pança do recipiente, e já próximo do fundo, desenvolve-se uma linha de motivos em espinha seguidas por linhas quebradas oblíquas, ambas realizadas através da incisão. Abaixo destes, estende-se uma fiada de pontos impressos. Imediatamente a seguir apresentam-se bandas trapezoidais unicamente elaboradas através da técnica da impressão, alternados com espaços sem decoração.

Subtipo C’: Paralelamente ao bordo e à parte média do vaso dispõem-se motivos incisos em espinha. No espaço compreendido por estes, desenvolvem-se bandas preenchidas por pontos impressos intercalados com espaços sem decoração (Quadro 8).

Dentro das organizações decorativas detectadas constatamos uma especial recorrência do *Tipo A*.

2. Caracterização Morfológica

A definição morfológica deparou com grandes dificuldades devido à reduzida amostragem e à pequenez de alguns fragmentos cerâmicos o que impediu a definição de diversos grupos tipológicos.

Da mesma forma, se constatou a impossibilidade de aferir sobre a capacidade dos recipientes já que não se possuíam valores demonstrativos do índice de profundidade e do volume das peças cerâmicas. O mesmo se poderá dizer em relação à caracterização dos fundos uma vez que não se conseguiu definir a base dos vasos por forma a constituir uma tipologia consistente.

Todavia, a caracterização morfológica das cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho teve como base a tipologia geral apresentada por M.^a Dolores Fernandez-Posse para a Cultura de Cogotas I na Meseta Norte (Fernandez-Posse, 1980).

Partindo de um universo de 125 fragmentos, somente 42 se apresentaram passíveis de uma análise deste género, definindo os seguintes tipos:

Tipo 1

Descrição: Esférico de boca fechada e fundo arredondado.

Este tipo corresponderá à forma C de “El Cogote”: “*Formas esféricas – están constituidas por recipientes superiores a la media esfera*”⁴ (Quadro 9).

Tipo 2 – Tipo 3 – Tipo 4

Descrição: Correspondem à forma I – “*Fuentes*” estabelecida por M.^a Dolores Fernandez-Posse (1980), considerando igualmente as suas variantes.

Tipo 2

Descrição: Corresponde à variante Ic atribuída por M.^a Dolores Fernandez-Posse (1980, 624): “*las variantes Ib y Ic para los casos en que su cuerpo superior sea intra-exvasado o reentrante, encontrándose entonces el diámetro máximo de la vasija en la carena, o cuando esse cuerpo superior no*

⁴ Caballero Arribas *et alii*, 1993, 96.

QUADRO 8

ORGANIZAÇÕES DECORATIVAS			
A	B	C	C'
21 frags.	14 frags.	01 frag.	02 frags.
16,8%	11,2%	0,8%	1,6%

QUADRO 9

Tipo 1									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
59	02	> 1mm	3/ 1	3. 3	6mm	0/ 1. 2	-	C'	159mm

existe, respectivamente. En este último caso la carena há desaparecido y, aún dentro de las proporciones que establece la forma I nos encontramos ante un verdadero tronco de cono" (Quadro 10).

Fernandez-Posse (1980, 644). Trata-se de tigelas de fundo aplanado onde as dimensões horizontais prevalecem em relação às verticais (Quadro 13).

QUADRO 10

Tipo 2									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
10	1/ 2	= 1mm	1/ 1	1. 1	8mm	1/ 1. 2	-	B	302mm
88	02	> 1mm	1/ 1	1. 2	5mm	1/ 1	II	-	150mm
99	02	> 1mm	1/ 4	2. 2	8mm	1/ 1	Ia	-	263mm
03	1/ 2	> 1mm	1/ 1	1. 1	6mm	1/ 1	Ia	-	131mm
63	02	= 1mm	1/ 1	3. 1	7mm	1/ 1	Ia	-	338mm
31	02	< 1mm	1/ 1	1. 1	7mm	1/ 1	-	B	239mm
17	02	= 1mm	1/ 2	1. 1	8mm	1.2/ 1.2	-	B	338mm

Tipos 3 e 4

Descrição: Integram-se na variante Ia determinada por M.^a Dolores Fernandez-Posse (1980, 263): "tienen en general un considerable diámetro de boca – que com facilidad llega a sobrepasar los 30cms – y un cuerpo superior más o menos exvasado que su carena alta separa de uno inferior, en forma de tronco de cono invertido, que remata en un reducido y plano fondo que, logicamente, contrasta com la amplia boca" (Quadro 11 e 12).

Tipo 6

Descrição: Fragmento de colo acentuado, ao qual não se atribui uma forma precisa. Contudo, tendo em conta a tipologia definida por M.^a Dolores Fernandez-Posse podemos integrar este fragmento na forma V – "Jarras" ou na forma VI – "Soportes-Carretes". Tratam-se, os primeiros, de "vasijas de forma cerrada y proporciones de botella"⁵. No que diz respeito à segunda "obedece a dos troncos de cono unidos por su diámetro menor"⁶, a funcio-

QUADRO 11

Tipo 3									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
27	02	= 1mm	1/ 2	1. 3	8mm	1/ 1	Ic	-	286mm
20	02	< 1mm	1/ 2	1. 1	9mm	1.2/ 1	-	A	470mm
40	02	< 1mm	1/ 2	1. 1	8mm	1.2/ 1	-	A	406mm

QUADRO 12

Tipo 4									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
06	02	> 1mm	1/ 1	3. 3	7mm	2/ 1	IV	-	255mm
75	02	> 1mm	1/ 1	2. 1	8mm	0/ 1	*	-	-

A distinção entre o tipo 3 e o 4 justifica-se pela nítida diferença visível na inclinação do bordo que no tipo 4 se apresenta tendencialmente mais rectilíneo ao contrário do do tipo 3 que assume uma inclinação mais esvasada.

Tipo 5

Descrição: A este tipo corresponde a forma IV – "Cuencos" atribuída por M.^a Dolores

nalidade destas peças consiste em conferir estabilidade aos vasos que não a possuem (Quadro 14).

⁵ Fernandez-Posse, 1980, 645.

⁶ Ibidem, 648.

QUADRO 13

Tipo 5									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
66	02	>1mm	1/1	1.2	7mm	1/1	Ia	-	181mm

QUADRO 14

Tipo 6									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
76	02	<1mm	1/1	3.3	7mm	0/1	Ia	-	?

Tipo 7

Descrição: Forma globular apresentando o bordo ligeiramente esvasado.

Corresponde à forma E de “El Cogote”: *“Globulares com cuello exvasado – son las formas que presentan un cuello bien acusado que se incurva hacia el interior del cuerpo para luego salir hacia el exterior”*⁷ (Quadro 15).

1300 A.C.) num espaço “monumentalizado”, cenário de estratégias económicas e simbólicas diversas e onde se estabelecem relações de inter-acção com diferentes zonas peninsulares.

Será, portanto, no último momento de ocupação, pertencente a época pré-histórica, atribuído ao Bronze Médio (1500-1300 A.C.), que se assiste ao aparecimento de uma quantidade significativa, em

QUADRO 15

Tipo 7									
Frag.	Camada	E.N.P.	Superfície	Cor	Espessura	Tec. Dec.	Ag. Tem.	Org. Dec.	Ø Boca
110	02	<1mm	1/1	1.1	5mm	0/1	Ia	-	105mm

Resultados

Estabelecendo relação entre todos os elementos presentes na caracterização técnica de cada tipo morfológico pudemos verificar que no que respeita ao desengordurante utilizado, são os de calibre < 1mm e > 1mm que predominam.

No tratamento conferido às superfícies dos recipientes existe uma nítida preferência pelas superfícies alisadas, quer interna, quer externa (1/1), seguidas das superfícies alisadas/ polidas (1/2), interna e externamente, respectivamente.

Do conjunto morfológico analisado sobressaem os vasos de paredes de espessura média e os de coloração acastanhada.

Do ponto de vista decorativo destaca-se a técnica da incisão presente em ambas as superfícies através da representação de motivos em espinha (*grupo Ia*), dispostos paralelamente ao bordo ou na parte média do recipiente.

Em menor percentagem surge a relação incisão/ impressão manifestada em organizações decorativas que associam as linhas incisivas em espinha ou zigue-zague a séries de pontos impressos dispostos em sequências metopadas.

III – INTEGRAÇÃO CRONO-CULTURAL DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NÚMÃO NO CONTEXTO PENINSULAR

Castelo Velho caracteriza-se por uma ampla diacronia de ocupação (entre c. de 3000 A.C. e

relação às demais, de cerâmicas conectáveis com o momento inicial de Cogotas I⁸ característico da Meseta Norte.

Assim, a integração das cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho num nível datado de entre 1500-1300 A.C. coloca, de imediato, esta estação em concordância com outros grupos sociais manipuladores do mesmo tipo de materiais dos quais destacamos: La Huelga (Dueñas, Palencia), La Venta (Alar del Rey, Palencia), Los Tolmos (Caracena, Soria), La Plaza (Cogeces del Monte, Valladolid), Fuente Boecillo (Boecillo, Valladolid), La Corvera (Salamanca), Cueva de Arevalillo (Arevalillo de Cega, Segovia), El Cogote (La Torre, Avila), Caserio de Perales del Río (Getafe, Madrid), entre outros, que se ajustam ao mesmo enquadramento temporal.

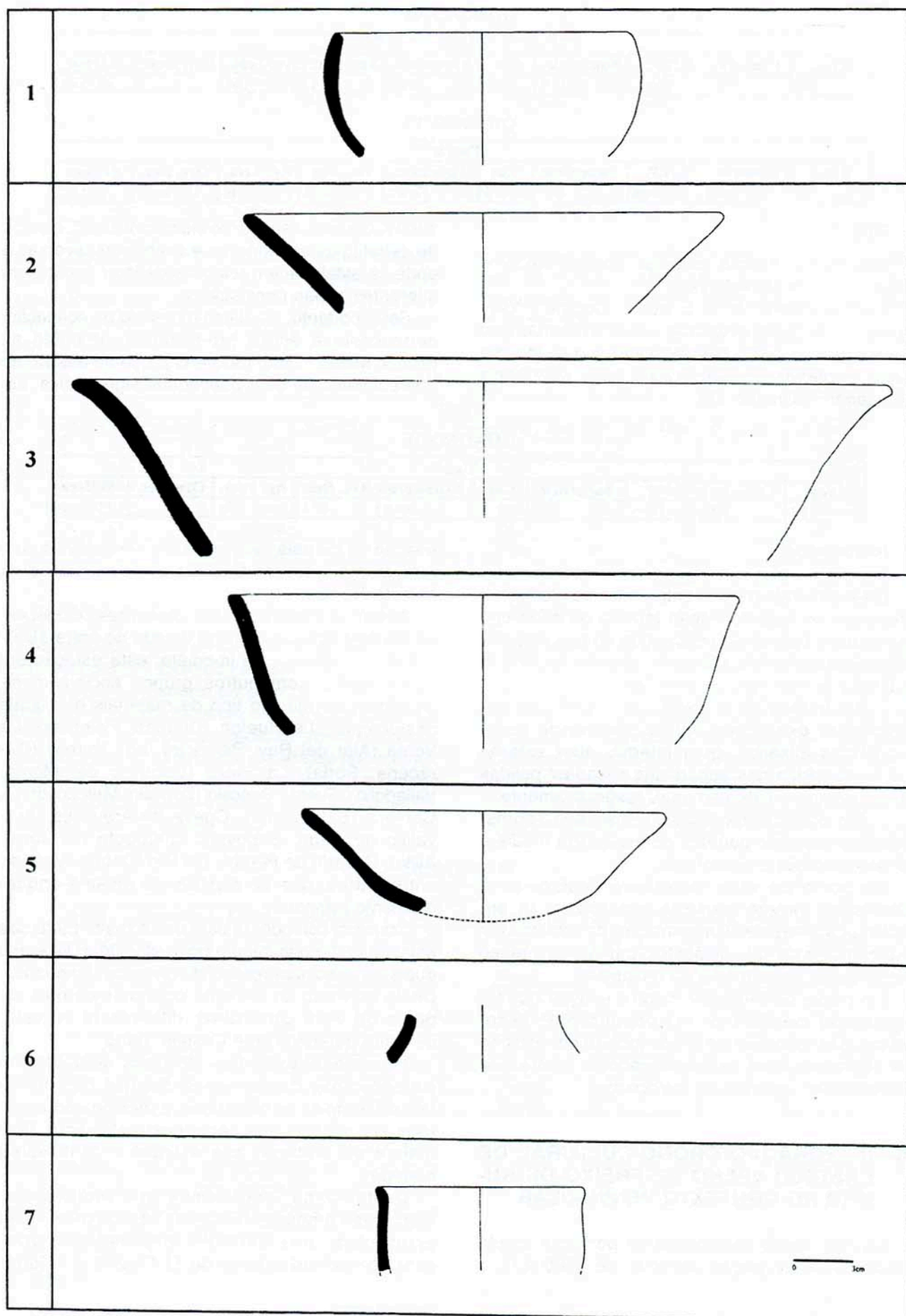
Convém, contudo, realçar que a maior parte das estações referidas integra povoados de ar livre aos quais se associam fossas de diversas dimensões. Deste conjunto de habitats constatamos que, do ponto de vista construtivo, dificilmente se estabelecem paralelos com Castelo Velho.

Mas, se através das diversas soluções de ocupação não possuímos dados que nos permitam determinar semelhanças, o mesmo não acontece em relação aos caracteres estilísticos (formais e decorativos) que definem este universo material.

Desta forma, verificamos que morfológica e cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho apresentam uma particular proximidade formal com determinados tipos de El Cogote (La Torre,

⁷ Caballero Arribas *et alii*, 1993, 96.

⁸ Segundo a evolução cultural proposta por M.^a Dolores Fernandez-Posse (1980, 1986/87).



Avila)⁹, enquanto que os restantes obedecem à tipologia geral de Cogotas I elaborada por Fernandez-Posse (1980, 1986/ 87), pelo que se verifica uma correspondência dos tipos 3, 4, 5 e 6¹⁰, às formas I, variante Ia ("fuentes"), IV ("cuencos") e V ou VI ("jarras" ou "soportes-carretes"), apesar destas últimas oferecerem grandes dúvidas quanto à sua atribuição. Aliás, a falta de semelhanças atribuídas ao tipo 6 de Castelo Velho poder-nos-à sugerir, e apenas isso, a existência de um tipo próprio ou local (?) ainda mais se considerarmos que uma possível analogia com as respectivas formas, determinadas por Fernandez-Posse, nos remetem para um momento recente da respectiva cultura¹¹.

Assim, da mesma forma que assistimos a um conjunto de presenças característico da fase inicial de Cogotas I em Castelo Velho, será interessante verificar a total ausência de formas que apresentam carenas em aresta viva, formas globulares com marcada acentuação de perfil em "S", formas cujo bordo apresenta uma especial tendência para se inclinar para o interior, e por último, formas que se assemelham a escudilhas onde as dimensões horizontais prevalecem em relação às verticais.

No entanto, no que toca aos padrões decorativos registados nos fragmentos cerâmicos constatamos uma evidente filiação ao momento proto-Cogotas através da frequente representação de motivos incisos em zigue-zague e em espinha. Enquanto que os últimos se dispõem, preferencialmente, junto ao bordo, quer na superfície externa como na interna, já os primeiros, normalmente surgem associados a sequências metopadas podendo alternar com séries de pontos realizados através da técnica da impressão.

Através da análise cerâmica efectuada concluímos que as composições decorativas obedeciam à disposição dos motivos referidos, junto ao bordo ou à linha de quebra do recipiente não faltando, contudo, as sequências metopadas, nem os esquemas radiais que percorrem o recipiente desde o fundo até ao bordo.

Verificamos, ainda, em alguns fragmentos, a presença de pasta branca a preencher os alvéolos da decoração.

⁹ Concretamente com o tipo A de El Cogote ao qual corresponderá o tipo 2 de Castelo Velho, com o tipo C ao qual corresponderá o tipo 1 de Castelo Velho, e por fim o tipo E2 de El Cogote ao qual se aproxima o tipo 7 de Castelo Velho.

¹⁰ Os tipos 3 e 4 de Castelo Velho correspondem à forma I, variante Ia determinada por Fernandez-Posse, o tipo 5 de Castelo Velho corresponde à forma IV e o tipo 6, embora com muitas reservas, poderá estabelecer paralelos com as formas V e VI definidas pela mesma autora.

¹¹ "Pero más que estos difusos y un tanto esporádicos paralelos, que como siempre nos apunten a los finales de la Edad del Bronce, nos importa marcar como en Cogotas I estas formas tienen una dispersión muy localizada; y como parecen pertenecer a contextos, en general, modernos (...). (...) los soportes de Cogotas I (...); (...) parece que es en momentos relativamente modernos cuando esta forma hará fortuna" (Fernandez-Posse, 1980, 648 e sgs.).

Note-se, que se é visível uma sintonia, entre Castelo Velho e as demais estações meseténhas, na adopção de motivos incisos em espinha e zigue-zague e de séries de pontos impressos, esta parece divergir no momento em que os referidos motivos constituem composições metopadas. Isto é, sendo certo que esses são os motivos mais tradicionais, também o é em relação à disposição que adoptam nas superfícies dos vasos. Todavia, no momento em que se apresentam sequências metopadas constatamos, em Castelo Velho, que estas assumem um tratamento específico. Referimo-nos, por exemplo, à inexistência de linhas incisas contínuas que frequentemente enquadram os temas a representar.

Em Castelo Velho os motivos que representam séries de pontos impressos dispostos em prováveis sequências metopadas surgem delimitados por um "caixilho" de pontos igualmente realizados através da técnica da impressão. Em relação aos temas realizados pela técnica da incisão estes podem, ou não, obedecer ao mesmo critério, apresentando-se por vezes isolados, ou seja, sem a associação de técnicas ou motivos diferentes.

Neste plano de especificidades que parecem típicas de Castelo Velho devemos apenas acrescentar a ausência de paralelos meseténhos na representação de motivos incisos em espinha associados a decoração plástica (mamilo) e ainda no que atrás referimos como organização decorativa do tipo B, concretamente nos motivos desenvolvidos sobre a superfície interna.

Também no que respeita aos padrões decorativos mais usuais desta fase de Cogotas I presenciamos a ausência de certos temas e composições decorativas. No nosso conjunto artefactual estão omissas as séries de traços e triângulos preenchidos com linhas paralelas a um dos seus lados, bem como as retículas oblíquas, ambas realizadas através da técnica da incisão. Note-se ainda a total inexistência da representação de motivos decorados através das técnicas da excisão e boquique.

Assim, a um padrão estilístico de origem alógeno parecem ocorrer variantes específicas que supostamente corroboram o possível fabrico local de algumas das peças estudadas¹².

A existência de um número crescente de estações portuguesas¹³ onde se constata a presença

¹² Todavia a aferição deste pressuposto só será passível de confirmar através de análises realizadas às pastas cerâmicas a fim de determinar a proveniência dos barros.

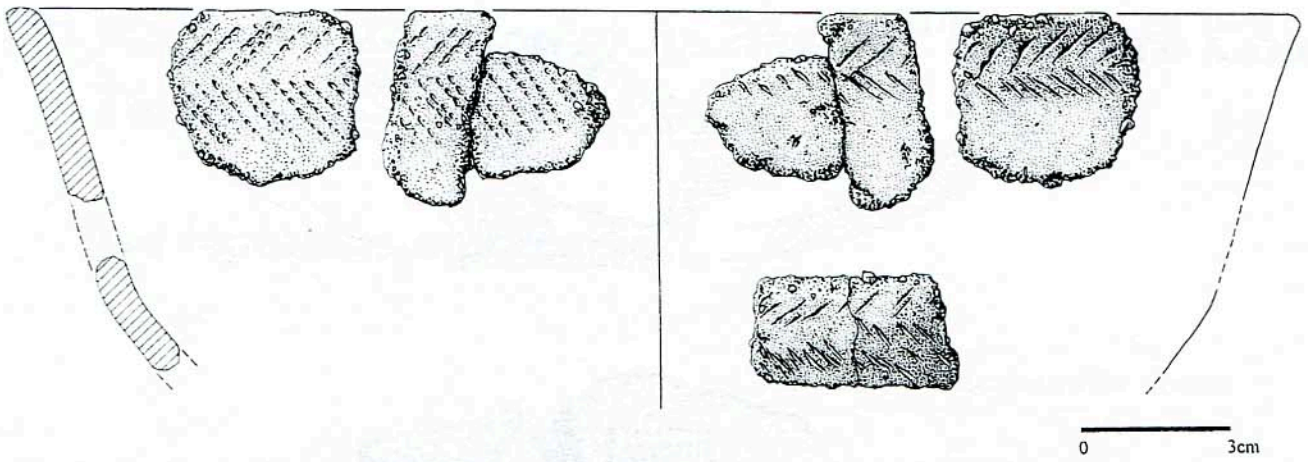
¹³ Castro de Faria, Barcelos (Almeida, 1982); Monte do Padrão, Santo Tirso (Martins, 1990); Monte da Ínsua, Guimarães (Jorge, 1988); Tapado da Caldeira, Baião (Jorge, 1980); Bouça do Frade, Baião (Jorge, 1988); Castro de S. Juzenda, Mirandela (Höck, 1980); Barrocal Alto, Mogadouro (Sanches, 1987, 1992, 1997); Castro da Senhora da Guia, S. Pedro do Sul (Silva, 1986); Monte do Frade, Penamacor (Vilaça, 1995a, 1995b); Moreirinha, Idanha-a-Nova (Vilaça, 1995); Castro de S. Romão, Seia (Vilaça, 1995); Cerradinha, Santiago do Cacém (Silva *et alii*, 1995).

de materiais cerâmicos relacionados com o universo de Cogotas I suscitará, com certeza, no futuro, a sistematização de dados a uma escala regional facilitando a sua posterior integração num amplo contexto de referências peninsulares.

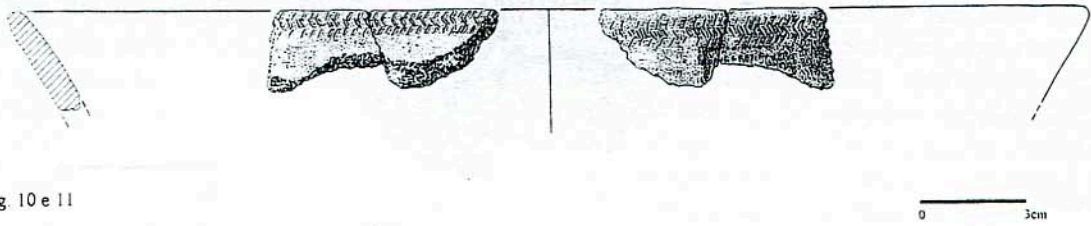
É neste sentido que surge este breve trabalho sobre um tema ainda tão "opaco" no domínio da investigação da Pré-História Recente de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

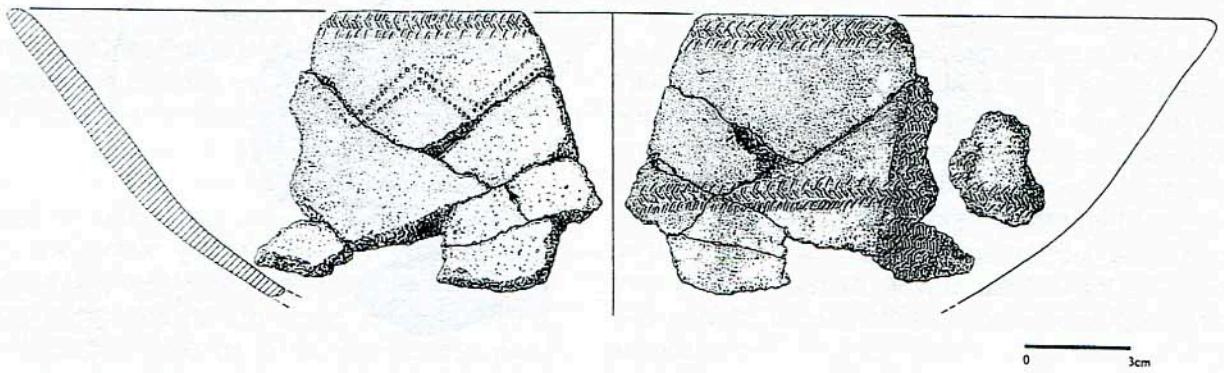
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1982): "Castelo de Faria. Campanha de escavações de 1981", Separata da "Barcellos - Revista", Barcelos.
- CABALLERO ARRIBAS, Jesús; PORRES CASTILLO, Fernando e SALAZAR CORTÉS, Ascensión (1993): "El campo de fosas de "El Cogote" (La Torre, Ávila)", Numantia. Arqueología en Castilla y León 4.
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL N.º 140 (1994): Instituto Geográfico do Exército.
- FERNANDEZ-POSSE, M.ª Dolores (1980): "El final de la Edad del Bronce en la Meseta Norte: La Cultura de Cogotas I", Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de prehistoria, Granada.
- FERNANDEZ-POSSE, M.ª Dolores (1982): "Consideraciones sobre la técnica de boquique", Trabajos de Prehistoria, Volumen 39, Instituto Español de Prehistoria, Madrid.
- FERNANDEZ-POSSE, M.ª Dolores (1986-87): "La cerámica decorada de Cogotas I", Zephyrus, Vol.XXXIX-XL, Universidad de Salamanca, Facultad de Geografía e Historia, Salamanca.
- HÖCK, Martin (1980): "Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela)", Separata das Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães.
- JORGE, S. O. (1980): "A estação arqueológica do Tapado da Caldeira (Baião)", Portugália, Nova Série, Vol. I, Instituto de Arqueologia, F.L.U.P., Porto.
- JORGE, S. O. (1988): "O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final no Norte de Portugal", Monografias Arqueológicas 2, G.E.A.P., Porto.
- JORGE, S. O. (1998): "Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação", Actas do Colóquio "A Pré-História na Beira Interior", (Tondela, Nov. 1997), Viseu.
- MARTINS, M.ª Manuela (1990): "O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado", Universidade do Minho, Braga.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, Herman e DAVEAU, Suzanne (1998): "Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território", Volume I, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- SANCHES, M.ª de Jesus (1987): "Barrocal Alto", Informação Arqueológica, S.E.C., I.P.P.C. - Departamento de Arqueologia, Lisboa.
- SANCHES, M.ª de Jesus (1992): "Pré-história recente do planalto mirandês (Leste de Trás-os-Montes)", Monografias Arqueológicas 3, G.E.A.P., Porto.
- SANCHES, M.ª de Jesus (1997): "Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro", S.P.A.E., Porto.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986): "A cultura castreja no Noroeste de Portugal", Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, C. T. da e SOARES, Joaquina (1995): "O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular", Catálogo da Exposição "A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder", Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia.
- VILAÇA, Raquel (1995a): "Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze", série "Trabalhos de Arqueologia", n.º 9, IPPAR, Lisboa, 2 Vols.
- VILAÇA, Raquel (1995b): "A estação arqueológica do Monte do Frade", Catálogo da Exposição "A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder", Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia.



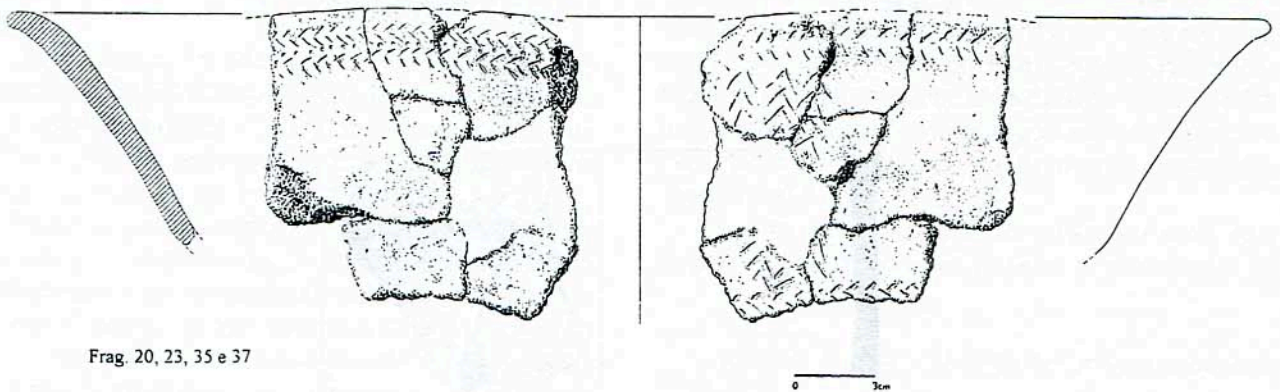
Frag. 06, 07 e 09.



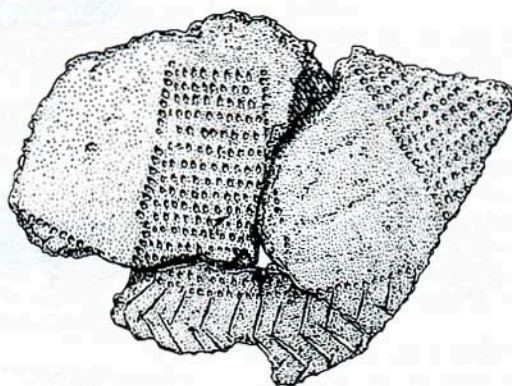
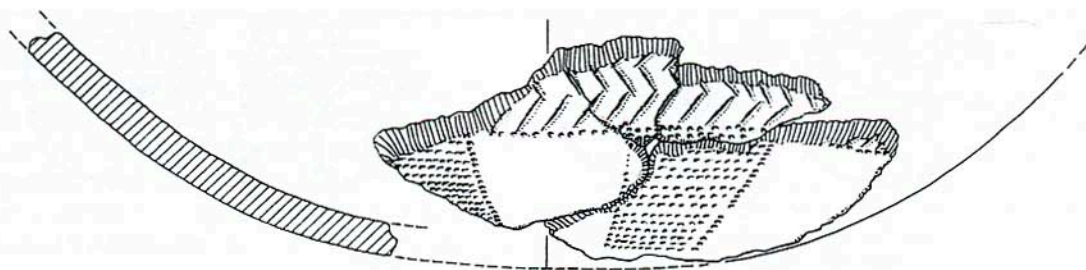
Frag. 10 e 11



Frag. 17, 18 e 19.

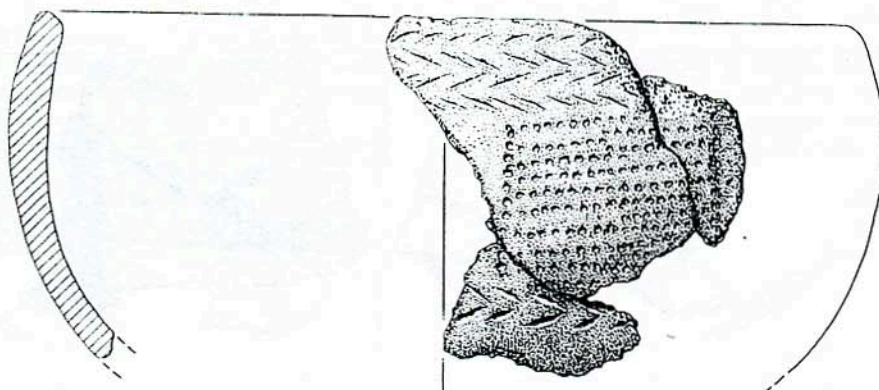


Frag. 20, 23, 35 e 37

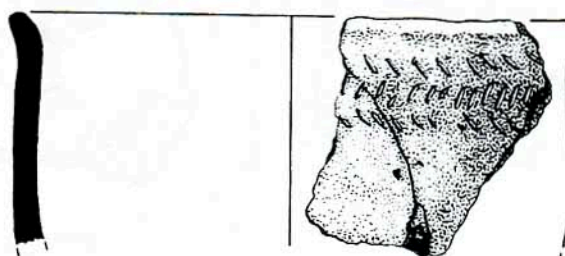


Frag. 52.

0 3cm



Frag. 59.



Frag. 110

0 3cm